

OS ÍNDICES SOCIAIS DE VALOR NO GÊNERO ENTREVISTA PINGUE-PONGUE, DO JORNALISMO DE REVISTA

Nívea Rohling da SILVA

(Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC)
niveajoi@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise dos *índices sociais de valor*, intrínsecos à constituição do gênero *entrevista pingue-pongue*, do jornalismo de revista, tendo como horizonte teórico-metodológico a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin. Os dados da pesquisa constituem-se em 46 *entrevistas pingue-pongues*, inseridas nas revistas: *CartaCapital*, *ISTOÉ* e *Veja*, publicadas na época do 2º turno das eleições presidenciais de 2006. Destacam-se como resultados de pesquisa os *índices* materializados através do *lugar de ancoragem ideológica da entrevista* e do *conteúdo semântico-objetal das perguntas e das respostas*.

Palavras-chave: índice social de valor; gênero do discurso; entrevista pingue-pongue.

ABSTRACT: *This work aims at presenting an analysis of the social indexes of value intrinsic to the constitution of the genre ping-pong interview, from the magazine journalism, having as its theoretical-methodological horizon Bakhtin's theory of speech genres. The research data constitutes itself into 46 ping-pong interviews, from the following magazines: CartaCapital, ISTOÉ and Veja, published at the time of the 2nd. round of the presidential elections. It can be highlighted as research results the indexes embodied through the place of ideological anchoring of the interview and through the semantic-objectal content of questions and answers.*

Key-words: *Social indexes of value; speech genre; ping-pong interview.*

0. Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise dos *índices sociais de valor* que constituem o gênero *entrevista pingue-pongue*, do jornalismo de revista. Para tanto, é necessário, antes de tudo, explicar a opção por utilizar a terminologia 'entrevista pingue-pongue'.

Ao ter conhecimento da polissemia do termo e a variedade de gêneros que são nomeados como 'entrevista', preferiu-se nomear o objeto desta pesquisa *entrevista pingue-pongue*, uma vez que esta é a terminologia mais recorrente na esfera do trabalho do jornalismo e, sobretudo, no jornalismo de revista, para as entrevistas que apresentam a seqüência de perguntas e respostas.

Este estudo está organizado da seguinte maneira: inicialmente, é apresentada uma exposição da noção de índice valorativo no escopo teórico de Bakhtin. Na seqüência, faz-se uma breve exposição do percurso metodológico da pesquisa, para então, expor as regularidades encontradas no processo de análise dos dados, evidenciando os índices valorativos que constituem o horizonte valorativo/axiológico do gênero em questão.

1. A noção de índices valorativos no pensamento bakhtiniano

A referência à valoração/axiologia e signo ideológico perpassa toda a obra do Círculo de Bakhtin, entretanto, é em *Marxismo e filosofia da linguagem* que Bakhtin e Volochínov (2004) caracterizam, de forma detalhada, o signo ideológico e também explicitam o conceito de *índices sociais de valor*. Assim, a partir dessa leitura, é possível definir esse conceito nos termos bakhtinianos.

A noção do Círculo de Bakhtin de *índice valorativo* está intimamente ligada à de signo ideológico. Para os autores, *os índices de valor são elementos essenciais na constituição do signo ideológico*; sem eles, o signo nada mais é que uma "alegoria", "objeto de estudo dos filólogos", "signos ideológicos defuntos" (Bakhtin e Volochínov, 2004:46).

Ao tratarem do signo ideológico (e também do signo lingüístico), os autores (2004:44) indicam duas orientações: primeiramente, abordam a "forma do signo enquanto determinado pelas formas da interação social" e, na seqüência, discutem "o conteúdo do signo e do *índice de valor* que afeta todo o conteúdo".

A determinação do signo se dá por meio das interações sociais, pois “Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação”, assim “o signo se cria entre indivíduos, no meio social” (2004:45). Em outras palavras, só há constituição sógnica a partir do momento em que determinado objeto adquiriu um *valor social*.

Nesse sentido, o signo é eminentemente ideológico, carregando consigo *posições valorativas dos sujeitos*, o que significa dizer que o conteúdo do signo é afetado por índices de valor que são de natureza interindividual e entram no horizonte social de um grupo, estando ligados às condições sócio-econômicas desse grupo específico.

Ou seja, na perspectiva bakhtiniana, os *índices de valor* são ideológicos e sociais, mesmo que sejam realizados pela voz dos indivíduos (pela palavra). Os *índices valorativos* estão ligados à composição de um *auditório social*, uma vez que o falante interage discursivamente a partir de seu horizonte axiológico (valorativo), pois segundo Bakhtin (2003:174), “viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente”.

Em resumo, só *pode ser considerado signo aquilo que já adquiriu um valor social* e isso se dá da seguinte maneira: “A cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objeto de atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular” (Bakhtin e Volochínov, 2004:44).

Esses grupos (*horizonte social*) possuem condições sócio-econômicas essenciais que dão existência material aos objetos. E este grupo de objetos, constituído no bojo dos grupos sociais, dará origem a signos, portanto, o signo é “marcado” pelo horizonte social dos grupos, logo *o conteúdo do signo é afetado por índices de valor dos grupos sociais*.

De acordo com Bakhtin, a realidade que dá lugar à formação de um signo constitui o tema do signo. Nesse sentido, cada signo possui um tema, que por sua vez, possui índices sociais de valor. Em todo o signo ideológico confrontam-se *índices sociais de valor contraditórios*, e, é justamente esse entrecruzamento dos índices que torna o signo vivo e móvel.

Por fim, o processo de constituição do signo através dos *índices sociais de valor*, conforme discutido até aqui, pode ser observado no seguinte esquema:

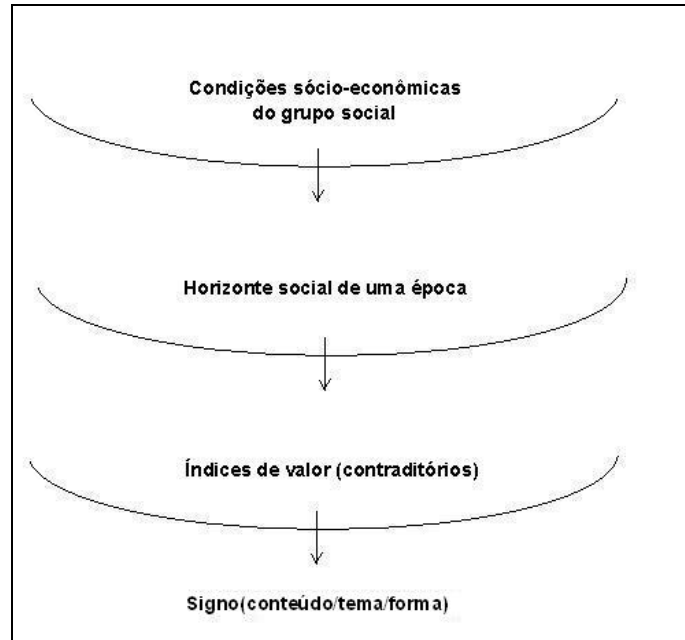


Figura 1 – O lugar dos índices valorativos na constituição do signo ideológico.

Ao conceituar o *índice social de valor como elemento definidor na constituição do signo*, neste momento, apresenta-se o percurso metodológico adotado nesta pesquisa.

2. Percurso metodológico

O presente estudo insere-se nos estudos analíticos dos gêneros e está baseado na concepção bakhtiniana de linguagem, discurso, enunciado e gênero do discurso, tendo como ancoragem metodológica a “ordem metodológica” de cunho sócio-histórico proposto por Bakhtin e Volochínov (2004:124).

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;
2. As forma das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.

3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação habitual.

Além disso, para realizar a análise dos dados, optou-se pela proposta de Rodrigues (2001), cujas idéias estão ancoradas em Bakhtin. Seguindo a proposta da autora, partiu-se da *dimensão social do gênero para posteriormente se analisar a dimensão verbal do gênero em questão*.

Essa proposta aponta para a necessidade de estudar, de antemão, os aspectos sócio-discursivos do gênero, ou seja, o auditório social, as condições de produção, a esfera social em que circula, para só então, proceder à análise das regularidades lingüísticas do gênero.

Os dados da pesquisa constituem-se em 46 (*quarenta e seis*) *entrevistas pingue-pongues*, publicadas em três revistas semanais de informação de circulação nacional: *CartaCapital*, *ISTOÉ* e *Veja*, publicadas no período de 04 de outubro de 2006 a 08 de novembro de 2006, período de cobertura do segundo turno das eleições presidenciais. Apesar do volume de dados, foram selecionados para a apresentação da análise alguns exemplos em que a valoração axiológica, no gênero pesquisado, mostrou-se mais saliente durante o percurso de análise.

Na escolha das revistas, optou-se, por analisar entrevistas contidas em diferentes revistas (de editoras diferentes), e não em uma única revista. Essa opção metodológica se justifica pela possibilidade de se estabelecer uma comparação entre linhas editoriais distintas.

Esse procedimento proporciona uma visão mais aguçada do gênero, possibilitando o estudo das regularidades do gênero a partir da análise de textos que compõem linhas editoriais diferenciadas e que, portanto, podem apresentar posições político-ideológicas distintas¹.

3. Os índices valorativos no gênero entrevista pingue-pongue

Segundo Rodrigues (2005), cada gênero está situado em um diferente cronotopo (horizonte espacial, horizonte temporal, horizonte temático e valorativo); possui diferentes finalidades ideológico-discursivas e tem distintas concepções de interlocutores da interação discursiva. O que equivale dizer que gêneros da mesma esfera sócio-

¹ Este artigo apresenta um recorte da dissertação de mestrado intitulada: "O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro", assim sendo, as diferenças de uma editoria para outra, que foram apreendidas durante a análise dados de pesquisa, não serão aprofundadas neste texto devido ao caráter resumido deste artigo.

discursiva, por exemplo, gêneros da esfera sócio-discursiva do jornalismo, têm constituição cronotópicas diferenciadas. Para este estudo, focalizou-se a análise do horizonte valorativo/axiológico, que é constituído por *índices sociais de valor*.

A valoração axiológica é também relevante na constituição dos demais gêneros jornalísticos, a saber, artigo, carta do leitor, editorial etc., entretanto, no gênero *entrevista pingue-pongue*, a valoração axiológica faz com que o gênero se “movimente” na edição da revista; pois, é a partir dessa valoração, que se fazem as escolhas mais importantes na constituição genérica da *entrevista pingue-pongue*, como a escolha do tema e do espaço (seção) destinado a cada entrevista.

Assim, na *entrevista pingue-pongue*, o horizonte valorativo assume um papel especial, uma vez que define questões fundantes, tais como o “espaço” (entrevista exclusiva, entrevista de perfil, entrevista principal) concedido ao entrevistado A, B ou C; enquanto os demais gêneros, por outro lado, têm seu “lugar” relativamente “estabilizado” na revista.

O gênero *entrevista pingue-pongue*, do jornalismo de revista, assim como os demais gêneros, é “carregado” de valoração axiológica; portanto, para identificar os *índices valorativos* no gênero pesquisado, o estudo teve como ponto de partida as seguintes perguntas feitas aos dados: Quem são os entrevistados desse gênero?; Em que seção a entrevista do entrevistado A, B ou C é publicada?; Quais entrevistados compõem esses diferentes espaços de fala, algumas vezes nomeados como entrevista exclusiva, entrevista auto-retrato, entrevista em página principal?; Há diferentes posicionamentos (de adesão ou crítica velada) por parte do entrevistador em relação ao entrevistado? E no intuito de responder a essas questões, buscou-se, no conjunto de dados, categorias de análise que evidenciassem os *índices de valor na entrevista pingue-pongue*.

São elas:

- a) O lugar de ancoragem ideológica da entrevista (seção em que foi publicada a entrevista);
- b) O papel social do entrevistado;
- c) A extensão textual (formatação da entrevista, tamanho, número de perguntas, espaço disponível para as respostas) e, por fim,
- d) O conteúdo semântico-objetual das perguntas e respostas (relações estabelecidas entre os participantes da interação, assinatura da entrevista, julgamentos de valor inseridos no

conteúdo das perguntas e das respostas, enfim a valoração que “permeia” as contrapalavras dos participantes da interação).

A análise partiu do aspecto mais amplo (espaço ocupado pela *entrevista pingue-pongue* na revista) até chegar ao elemento mais pontual e concreto (aspectos da materialidade lingüístico-textual - conteúdo semântico-objetual das perguntas e respostas). Esse “movimento” da análise dos dados pode ser visualizado no seguinte esquema:

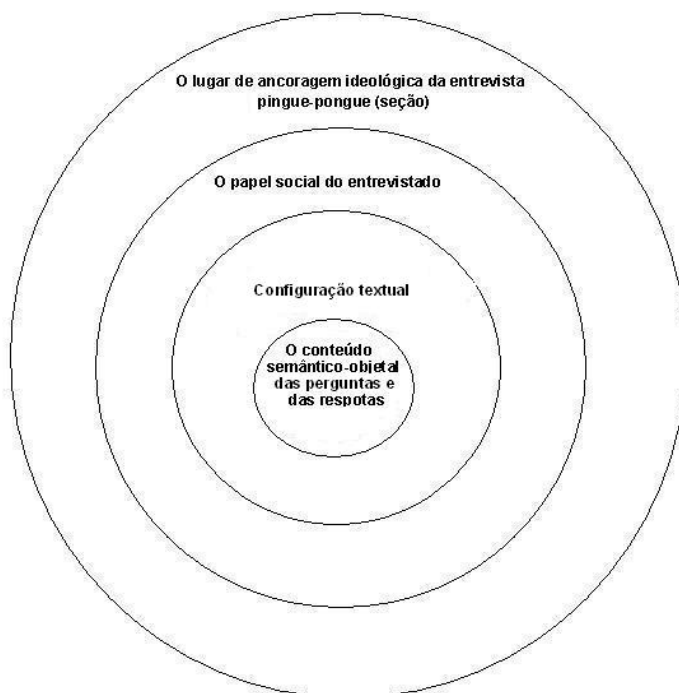


Figura 2 – Entrada de análise dos índices sociais de valor no gênero entrevista pingue-pongue, do jornalismo de revista.

Ao fazer esse “movimento” de análise, procurou-se evitar um procedimento, bastante normal nos estudos que propõem análises de gêneros: o de “descolar” o enunciado (nesse caso o gênero *entrevista pingue-pongue*) do restante da revista e analisá-lo isoladamente. Entende-se que a análise deve, primeiramente, considerar o espaço que o gênero ocupa na revista, perceber de que maneira a *entrevista*

pingue-pongue dialoga com os demais gêneros², para depois, então, apreender as regularidades do gênero em questão.

Destacam-se como resultados de pesquisa os *índices sociais de valor* materializados, no gênero *entrevista pingue-pongue*, através do *lugar de ancoragem ideológica da entrevista* (seção) e do *conteúdo semântico-objetual das perguntas e das respostas*.

3.1 Lugar de ancoragem ideológica (horizonte espacial)

A análise dos dados mostrou que o primeiro elemento que expressa o *índice social de valor* é o lugar (seção) ocupado pela *entrevista pingue-pongue* na edição da revista. Segundo Rodrigues (2001:7), “o trabalho de seleção e divisão do universo temático-discursivo na esfera da comunicação jornalística em cadernos, seções, rubricas, suplementos já é um ato temático, estilístico e composicional”. Nesse sentido, a divisão da revista em seção, já caracteriza um trabalho de constituição do enunciado (tema, estilo e conteúdo composicional) “atravessado” por valoração axiológica da esfera mediadora.

Com relação aos espaços destinados às entrevistas nas edições das revistas, verificaram-se basicamente três lugares de ancoragem ideológica:

- a) as entrevistas principais (próximo aos gêneros opinativos);
- b) as entrevistas “encaixadas” em outras reportagens (seção Comportamento, seção Guia, seção Estilo, etc.) e
- c) as entrevistas ancoradas nas páginas destinadas ao jornalismo social (seção Holofote, seção Gente, etc.).

Nas revistas ISTOÉ e Veja, há um espaço “especial” para o gênero entrevista pingue-pongue – páginas amarelas (Veja) e páginas vermelhas (ISTOÉ). Em ambos os casos, o gênero ocupa logo as primeiras páginas da revista, estando próximo de outros gêneros como: *carta ao leitor, editorial, carta do leitor*.

Assim, a entrevista “principal” localiza-se na parte da revista em que se apresentam os gêneros que manifestam, mais abertamente,

² A apresentação da análise da dialogicidade entre o gênero entrevista pingue-pongue e os demais gêneros extrapola os limites deste texto. Uma análise mais aprofundada sobre este tópico encontra-se na dissertação de mestrado, Silva, N. R. (2007): “O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro”.

opiniões. Já na revista *CartaCapital*, o gênero se mostra menos “formatado”, podendo aparecer em qualquer seção, não havendo uma sistematização da publicação do gênero.

Nesse sentido, em cada edição da revista, o leitor não pode prever se haverá ou não uma *entrevista pingue-pongue*. As entrevistas das *páginas amarelas (Veja)* e das *páginas vermelhas (ISTOÉ)* têm um destaque especial dentro da edição. Trata-se de “trazer” para um espaço privilegiado, personalidades e especialistas de diversas áreas.

Os entrevistados dessa seção, na sua maioria, são oriundos da esfera político-governamental e da esfera científico-acadêmica. São considerados, pela editoria e pelo público, pessoas que têm algo relevante a dizer (conteúdo jornalístico) e que discutem temas/assuntos de interesse público. É a entrevista mais densa da edição, ocupando cerca de 3 (três) páginas, o que é um espaço considerado amplo, tendo em vista que os textos em revista estão cada vez mais reduzidos.

Já as entrevistas “encaixadas” em outras reportagens, aparecem menos formatadas, ou seja, não possuem um lugar “fixo”, ocupam geralmente as seções especiais, guias, seção sobre comportamento. Essas entrevistas ocupam espaços variados e estão ligadas tematicamente às reportagens.

Nesse sentido, o gênero entrevista pingue-pongue cumpre a tarefa de reafirmar, exemplificar, enfim, solidificar, através da “voz” do entrevistado, a idéia proposta no texto anterior, assim, “fecha-se” uma opinião única sobre determinado tema. Um exemplo disso é a entrevista com o psiquiatra americano Edward M. Hallowell (edição de 04/10/06 da revista *Veja*), que ocupa meia página e está inserida na matéria sobre saúde mental e comportamento.

Situa-se na seção GUIA *Veja* e está “ilustrando” e/ou reafirmando a matéria que se centra na discussão sobre a hiperatividade causada pelo ritmo de vida profissional acelerado. Da mesma forma, a entrevista com o psiquiatra e autor de livro sobre comportamento José Ângelo Gaiarsa (edição de 18/10/06 da revista *ISTOÉ*) também caracteriza um “complemento” aos textos anteriores.

A entrevista está incluída na seção Comportamento, em que se constata a seguinte seqüência: a primeira reportagem discute o tema traição conjugal; a segunda reportagem aborda o tema “relações matrimoniais alternativas”, ou melhor, relações em que são possíveis ligações amorosas simultâneas com a aceitação dos parceiros.

E, justamente “encaixada” na segunda reportagem, é que foi publicada a entrevista do psiquiatra Gaiarsa. Nesse caso, evidenciam-se intensas relações dialógicas entre o gênero reportagem e o gênero

entrevista pingue-pongue, uma vez que o entrevistado defende a idéia de “poliamor” apresentada na reportagem “âncora”.

Dessa maneira, a revista veicula a opinião de um especialista que constitui “voz” de autoridade e atribui “validade” ao conjunto de idéias expostas na seção Comportamento. As situações aqui descritas revelam que o gênero entrevista pingue-pongue estabelece intensas relações dialógicas com outros enunciados dentro da revista.

Nas duas entrevistas citadas, o entrevistado traz um “parecer” sobre determinado assunto/tema, assumindo o status de especialista que pode ser considerado palavra de “autoridade”. Isso demonstra a maneira como o leitor é convencido, ou melhor, saturado em relação a determinados pontos de vista da empresa jornalística (revista).

E por fim, têm-se as entrevistas cuja ancoragem ideológica se dá nas seções que focalizam a vida de “celebridades” (seção Holofote, seção Gente, seção Estilo), realizando uma “espécie” de colunismo social.

Essas entrevistas têm espaços menos privilegiados nas revistas, os quais, na concepção da editoria e do leitor, parecem ser reservados aos entrevistados cujas entrevistas não apresentam um denso conteúdo jornalístico, em outras palavras, àqueles que não têm muito a dizer.

Nesses casos, busca-se prioritariamente evidenciar/explorar a pessoa do entrevistado, geralmente, um artista famoso que está, naquele momento, tendo um destaque especial na mídia. Um exemplo disso é a entrevista com a atriz da Rede Globo *Carol Castro* (edição de 01/11/06 da revista *Veja*) que se encontra na seção *Holofote* e ocupa o menor espaço ($\frac{1}{3}$ da página).

Nessa entrevista, há pouco “conteúdo”; o objetivo é evidenciar a pessoa do entrevistado e não o que ele tem a dizer. Nessa mesma edição, a revista veicula, nas páginas amarelas, uma entrevista de 3 (três) páginas com o historiador americano e também conselheiro do presidente *Bush, Eliot Cohen*.

O entrevistado discorre sobre a problemática envolvendo os EUA e o Oriente Médio. Assim, percebe-se que a escolha da seção em que será publicada a entrevista A ou B, está intrinsecamente ligada aos juízos de valor que a editoria, entrevistador e leitor atribuem ao entrevistado a partir do papel social deste. E essa valoração axiológica atribuída à “pessoa” do entrevistado é também materializada no conteúdo das perguntas e das respostas.

3.2 O conteúdo semântico-objetal das perguntas e das respostas

Na perspectiva de Bakhtin (2003:289), "Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo de objeto e do sentido". Para o autor, "[...] cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetal" (ibid. 2003:289).

Dessa maneira, para que a posição do falante possa se semiotizar, Bakhtin (2003) aponta para a existência de um conteúdo semântico-objetal na formulação dos enunciados, determinada pelas idéias que movem o sujeito do discurso, aquelas centradas no objeto e no sentido.

Diante disso, foi possível observar, no gênero pesquisado, uma relação intrínseca entre conteúdo semântico-objetal das perguntas e das respostas e o papel social do entrevistado (elemento constitutivo da "imagem" que o jornalista e o leitor têm do entrevistado).

Esse conteúdo, que compõe a totalidade do enunciado, também semiotiza os índices sociais de valor no gênero *entrevista pingue-pongue*. Isso se observa nas situações em que as perguntas que se fazem ao entrevistado apresentam-se "umedecidas" de críticas veladas e "atravessadas" por um tom de ironia do jornalista; outras vezes, apresentam-se "emolduradas" por um tom cerimonioso para com a figura do entrevistado.

Essa "coloração valorativa" presente nas perguntas evidencia, por parte do jornalista, movimentos de crítica ou de adesão à pessoa do entrevistado e a seu discurso. Já as respostas, por seu turno, revelam movimentos de defesa, através das contrapalavras, que, algumas vezes, são "encharcadas" de impaciência por parte do entrevistado.

Todos esses movimentos dialógicos se concretizam através do conteúdo semântico-objetal, evidenciando que o gênero *entrevista pingue-pongue* caracteriza-se por ser uma interação discursiva repleta de já-ditos e de contrapalavras.

Na entrevista com a atriz Luciana Vendramini (edição de 01/11/06 da revista *Veja*) as perguntas apresentam um movimento de "querer saber", não a respeito da entrevistada, mas do cantor "famoso" (Roberto Carlos) com quem, supostamente, a atriz teria um relacionamento amoroso.

Por se tratar de uma personalidade que já está afastada da mídia televisiva há algum tempo, a entrevista tem como objeto discursivo o cantor e não a atriz entrevistada. Logo, o espaço destinado a essa entrevista é bem reduzido, e o motivo da "escolha" da entrevistada não é seu trabalho, nem algo especial que ela tenha a dizer, e sim o seu

suposto relacionamento amoroso com o referido cantor, conforme se observa na seqüência de perguntas que se seguem:

(1)

1. O seu rompimento teve alguma relação com Roberto Carlos?
2. De onde você acha que vêm os boatos?
3. Vocês se falam bastante?
4. E não existe um interesse nem seu nem dele de levar isso adiante?
5. Você vai ao show?
6. Você acha impossível você e o Roberto Carlos virem a namorar algum dia?

Dessa forma, o conteúdo semântico-objetual das perguntas desconsidera a entrevistada, atribuindo maior valor ao cantor já referido que é, na situação, a "personalidade" alvo da entrevista. Além disso, é possível perceber, no conteúdo semântico-objetual das perguntas e nas *contrapalavras* da entrevistada, um "tom" de hostilidade.

Essa atitude hostil evidencia-se, primeiramente, pela insistência do jornalista em "arrancar" da entrevistada alguma informação que polemizasse a relação íntima entre a atriz e Roberto Carlos, e depois, pelas *contrapalavras* impacientes da entrevistada, conforme a seqüência:

(2)

- E não existe um interesse nem seu nem dele de levar isso adiante?
Isso você pergunte a ele. Do meu lado é apenas respeito, admiração e uma afinidade. Acho que, por eu ter me separado recentemente, as pessoas confundem. [...]

Outro exemplo de entrevista cujo conteúdo semântico-objetual das perguntas demonstra o movimento de crítica ao entrevistado é a entrevista com a atriz da rede Globo Carol Castro, já citada anteriormente.

A temática aborda a crença da entrevistada em paranormalidade (tema da novela na qual a atriz atuava por ocasião da entrevista). A entrevista apresenta a seguinte chamada: "Não sou nenhuma profetisa, tá?. O conteúdo das perguntas está repleto de "mensagens implícitas" que evidenciam um "tom" de crítica e ironia por parte do entrevistador.

Vejam a seqüência de perguntas, “umedecidas” de ironia por parte da entrevistadora, e de respostas fornecidas pela atriz:

(3)

Veja: Você já fez contato com espíritos ou com seres de outros mundos?

Carol: Quando era criança, via luzes e espíritos. Esse tipo de coisa que toda criança vê. Cheguei a contar à minha mãe toda a minha vida passada. Sabe que eu morei num castelo, era casada e tinha e tinha uma mãe que fumava? O nome dela era Marcela.

Veja: Você perdeu esses contatos?

Carol: Não. Ainda tenho intuições. Mas não sou nenhuma profetisa, tá? Só temos o canal mais aberto para esse tipo de comunicação quando somos crianças.

Além das perguntas irônicas, como em “Você perdeu esses contatos?”, para finalizar a entrevista, encontra-se no rodapé, em letras pequenas, porém legíveis, a seguinte frase: “Carol, só falta acreditar que Lula não sabia”, o que constitui uma atitude valorativa à “fala” da entrevistada, tentando implicitamente alimentar o discurso vigente de que as personalidades famosas do universo midiático caracterizam-se por futilidade e pouco conteúdo.

É possível aplicar a seguinte pergunta de Bakhtin e Volochinov (1926:5): “Como o dito se relaciona com o não dito? Como a parte percebida se relaciona com a presumida?”. Nesse exemplo, a percepção do não-dito se dá pelo contexto extraverbal, que é composto pelos demais *índices sociais de valor* (ancoragem ideológica da entrevista, extensão textual etc).

A entrevista está “ancorada ideologicamente” na seção *Holofote* que, *a priori*, destina-se às “fococas sociais”, nesse sentido, o leitor já sabe previamente que, nessa seção, não encontrará um denso “conteúdo jornalístico”, e sim uma “exposição” das personalidades que estão em evidência na mídia.

Entretanto, não é somente a classe artística que tem sua “fala” contraposta pelo entrevistador. Entrevistados das mais variadas esferas sociais recebem juízos de valor por parte do entrevistador, exemplo disso é a entrevista com o milionário e autor de livros *best-sellers* Harv Eker (edição de 18/10/06 da revista *Veja*).

(4)

1. O senhor é rico?
2. Como pensam os milionários?

3. Por que a maioria das pessoas nunca consegue ficar rica?
4. O Senhor diz em seu livro que está errado pensar em ganhar mais para trocar de carro ou comprar uma casa maior. Por quê?

Nessa entrevista, fica evidente uma característica muito própria que o gênero tem de revelar as contra-respostas dos interlocutores, percebe-se que a pergunta 2. "Como pensam os milionários?" é motivada imediatamente pela resposta do entrevistado à pergunta 1. "(...) Tudo mudou depois que um amigo de meus pais, muito rico, me ensinou como pensam os milionários". Já a resposta um tanto simplista do entrevistado sobre os requisitos para se ficar rico, motivou a pergunta 3, "carregada" de ironia e descrédito por parte do entrevistador: "Por que a maioria das pessoas nunca consegue ficar rica?".

Através dessa pergunta, o entrevistador faz um movimento de oposição à tese apresentada pelo entrevistado, insinuando a falta de sustentabilidade da mesma, pois se para ficar milionário basta pensar como um deles, por que a maioria das pessoas não é rica?

Nessa seqüência de perguntas e respostas está a característica essencial da entrevista pingue-pongue que é o fato de a entrevista ser um enunciado bivocal, constituído por dois ou mais enunciadores. Nessa relação dialógica e bivocalizada, as perguntas suscitam respostas que, por sua vez, provocam novas perguntas. Segundo Bakhtin (1998), a ironia é uma espécie de bivocalidade, conforme verificamos na afirmação do autor:

O discurso bivocal sempre é internamente dialogizado. Assim é o discurso humorístico, irônico, paródico, assim é o discurso refratante do narrador. [...] Neles se encontra um diálogo potencial, não desenvolvido, um diálogo concentrado de duas vozes, duas visões de mundo, duas linguagens (Bakhtin, 1998:127).

Dessa forma, quando o entrevistador pergunta ao entrevistado se ele é rico [exemplo (4)], há um acento irônico na pergunta do entrevistador, e que não pertence somente a ele (o entrevistador), mas a todos os "outros" que desconsideram o discurso simplista dos manuais que "fornecem dicas de como ser um milionário".

Assim, tem-se uma pergunta acentuada valorativamente pelo jornalista, entretanto, não se trata de uma pergunta individual, e sim

social. Ou ainda, nos termos bakhtinianos, “[...] o discurso de outrem na linguagem de outrem” (Bakhtin, 1998:27, grifo do autor).

Em algumas situações, o movimento de crítica ao *entrevistado* pode ser escamoteado pelo “tom cerimonioso”. Isso acontece principalmente quando o papel social do entrevistado se sobrepõe ao do entrevistador, pois é importante ressaltar que, na entrevista, os interlocutores possuem papéis sociais assimétricos.

É o que ocorre, por exemplo, na entrevista com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva na edição de 04/10/06 da revista ISTOÉ. Tendo em vista o papel hierárquico assimétrico (entrevistador e o presidente da república), a entrevista é conduzida de maneira “polida”, mas ainda assim, é possível encontrar, no conteúdo semântico-objetal das perguntas, “indícios” de oposição ao entrevistado.

Obviamente, as críticas são feitas de forma sutil, “cobertas” por uma aura de cerimônia e respeito ao entrevistado. Tais “indícios” podem ser verificados na seguinte seqüência de pergunta e resposta presente na entrevista com o presidente Lula:

(5)

ISTOÉ – A partir do programa assistencialista do Bolsa Família, qual o passo seguinte que se faz necessário para a efetiva inclusão social?

Lula – Digo sempre que o Bolsa Família só é assistencialista para quem vive de barriga cheia e tem preconceito contra o povo. Para mais de 11 milhões de famílias que passavam fome e viviam há décadas abandonadas pelo Estado, o Bolsa Família é uma salvação, é o primeiro passo para poder erguer a cabeça, garanti os filhos na escola, atendimento médico éter condições para procurar meios próprios de garantir a sobrevivência. [...].

Nessa interação, o entrevistador expressa, de maneira sutil, sua valoração negativa ao programa social do governo. Essa valoração se materializa em uma única palavra, ‘assistencialismo’, e, sem dúvida alguma, remete ao sentido pejorativo desse termo, uma vez que dá a atender que ações assistencialistas não promovem o indivíduo em sua totalidade, oferecem apenas medidas paliativas para um problema maior.

Ao ser “tocado” pelo tom da pergunta, o entrevistado responde ativamente, não à pergunta em si, mas ao julgamento de valor da pergunta enunciada. Ou seja, a contrapalavra do entrevistado não responde à questão feita pelo entrevistador, “qual o passo seguinte para a inclusão social?”, mas sim ao tom pejorativo da pergunta.

A resposta do entrevistado tem como foco o acento de valor do entrevistador: "Digo sempre que o Bolsa Família só é assistencialista para quem vive de barriga cheia e tem preconceito contra o povo". Dessa forma, a contrapalavra do entrevistado é investida de um "tom" de defesa ao acento valorativo da pergunta enunciada.

Em síntese, o conteúdo semântico-objetual das perguntas e das respostas manifesta/materializa a acentuação valorativa entre os participantes da interação, pois, segundo Bakhtin/Volochínov (2004), o tom da interação é dado pelos participantes, em situação bem precisa. Esse acento de valor evidencia movimentos de adesão ou de contraposição (crítica velada) aos entrevistados por parte dos entrevistadores.

Considerações finais

Este estudo procurou detalhar a análise do horizonte axiológico gênero *entrevista pingue-pongue*, apontando os *índices sociais de valor* como elemento definidor na constituição desse gênero. São os *índices sociais de valor* que permitem o "movimento" do gênero dentro da edição da revista, propiciando as escolhas dos entrevistados e das seções a eles destinadas.

Os elementos que compõem a entrada de análise dos índices valorativos na *entrevista pingue-pongue* são:

- a) O lugar de ancoragem ideológica da entrevista (seção);
 - b) O papel social do entrevistado;
 - c) A extensão textual do gênero e
 - d) O conteúdo semântico-objetual das perguntas e das respostas.
- Desses elementos, destacam-se: o lugar de ancoragem ideológica e o conteúdo semântico-objetual das perguntas e das respostas. O lugar de ancoragem ideológica, o elemento mais amplo de análise, evidencia as relações dialógicas que se estabelecem entre os gêneros e entre as seções da revista. Já o conteúdo semântico-objetual das perguntas e das respostas, elemento mais restrito (pontual), é responsável por materializar, de forma explícita ou implícita, a atitude valorativa do entrevistador em relação ao entrevistado, tendo como baliza o papel social deste último.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Fornoni Bernarni et al. 4. ed. São Paulo: Hucitec/Ed. UNESP, 1998.

_____, VOLOSCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre a poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

RODRIGUES, R. H. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. Tese de doutorado. LAEL. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2001.

_____. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: Meurer, J. L.; Bonini, A.; MOTA-ROTH, D. (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 152-183.

SILVA, N. R. *O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. Dissertação de mestrado. PGL. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

Recebido em agosto de 2007
Aprovado em fevereiro 2008